



## (Eco)feminismo<sup>1</sup> camponês e os elementos inseridos em *Mad Max: a estrada da fúria*

Peasant (eco)feminism and the elements inserted in *Mad Max: a road from the fury*

Neusa Schnorrenberger\*

Rosângela Angelin\*\*

**Resumo:** O cuidado com o meio ambiente ecológico é um saber ancestral das mulheres. A história da humanidade revela que as mesmas foram precursoras em possibilitar as condições necessárias para a expansão de uma das invenções tecnológicas que evoluiu para um novo patamar no destino da humanidade: a agricultura. Essa relação entre mulheres e meio ambiente pode ser vislumbrada pelos (eco)feminismos, que são teorias e, ao mesmo tempo, um movimento social que alcança duas esferas: a ecológica e a feminista, isso devido as mulheres estarem mais preocupadas com o meio ambiente ecológico para as presentes e futuras gerações. Neste viés, o (eco)feminismo camponês é entoadado e entrelaçado com mensagens subliminares no filme *Mad Max: a estrada da fúria*. Frente a isso e mediante um estudo hipotético dedutivo permeado por uma análise com viés feminista, o presente artigo lança o seguinte questionamento condutor: como os elementos do (eco)feminismo camponês são inseridos e apresentados em *Mad Max: a estrada da fúria*? O estudo aponta para o fato de que a produção cinematográfica em sua trilogia anterior, sempre atentando aos interesses do universo masculino, em sua nova versão ofereceu uma gama de elementos ideológicos (eco)feministas e que não passaram despercebidos, como a preservação das sementes. O conteúdo do mesmo conversa com as posturas de denúncias adotadas pelas mulheres do movimento camponês.

**Palavras-chave:** Ecofeminismo. Patriarcado. *Mad Max: a estrada da fúria*. Ecofeminismo camponês.

<sup>1</sup> Termo escrito de modo diferenciado pelas autoras, a fim de ressaltar a bandeira ecológica somada à luta feminista que reverbera com eco na sociedade.

\* Doutoranda em Direito no PPGD-URI, campus Santo Ângelo/RS. Bolsista taxa. Professora no Curso de graduação em Direito na URI, campus São Luiz Gonzaga/RS. Pesquisadora na temática ecofeminista, gênero, Teoria do Bem-Viver, políticas públicas, Estado. Advogada, conciliadora judicial. Contato: neusaschnorrenberger@aluno.santoangelo.uri.br

\*\* Pós-Doutora pela Faculdades EST (São Leopoldo). Doutora em Direito pela Universidade de Osnabruck (Alemanha). Docente do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* Doutorado e Mestrado em Direito e da Graduação em Direito da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Campus Santo Ângelo-RS. Coordenadora dos Projetos de Pesquisa Direitos Humanos e Movimentos Sociais na Sociedade Multicultural, vinculado ao PPG-Direito, acima mencionado. Coordena o Projeto de Extensão "O lugar dos corpos das Mulheres na Sociedade: uma abordagem do corpo e da defesa pessoal". Líder do Grupo de Pesquisa registrado no CNPq "Direitos de Minorias, Movimentos Sociais e Políticas Públicas". Integrante do Núcleo de Pesquisa de Gênero da Faculdades EST. Integra a Marcha Mundial de Mulheres. Colaboradora em Projetos Sociais junto a Associação Regional de Desenvolvimento, Educação e Pesquisa (AREDE). Contato:rosangelaangelin@yahoo.com.br



**Abstract:** Environment care is an ancient knowledge of women. The history of humanity reveals that they were precursors in enabling the necessary conditions for the expansion of one of the technological inventions that evolves to a new level for the destiny of humanity: agriculture. This relationship between women and the environment can be glimpsed by (eco) feminisms, which are theories and, at the same time, a social movement that reaches two spheres: the ecological and the feminist, this because women are more concerned with the ecological environment for present and future generations. In this perspective, peasant (eco) feminism is chanted and interwoven with subliminal messages in the film *Mad Max: the road of fury*. Faced with this and through a hypothetical deductive study permeated by an analysis with a feminist bias, this article raises the following guiding question: how the elements of peasant (eco) feminism are inserted and presented in *Mad Max: the road of fury*? The study points to the fact that cinematographic production in its previous trilogy, always paying attention to the interests of the male universe, in its new version offered a range of ideological (eco) feminist elements that did not go unnoticed, such as the preservation of seeds. The content of the same talks with the denunciation positions adopted by the women of the peasant movement.

**Keywords:** Ecofeminism. Patriarchate. Mad Max: the road of fury. Peasant ecofeminism.

## Introdução

A terminologia ecofeminismo surgiu na França, em 1974, por meio da obra de Françoise D'Eaubonne, *Le Feminisme ou la Morte*, a qual abordava as primeiras manifestações de um movimento de mulheres em defesa do meio ambiente ecológico. Em 1978, D'Eaubonne criou o movimento denominado de *Ecologia e Feminismo*<sup>2</sup>. Esse novo movimento (eco)feminista, “[...] sintetiza duas preocupações: a ecológica e a feminista. Ele pressupõe que existe uma conexão entre a dominação da natureza e a dominação da mulher.”<sup>3</sup> Destaca-se, também, a importância para o desenvolvimento dos movimentos ecofeministas da obra *Primavera Silenciosa*<sup>4</sup>, da bióloga Rachel Carson, com a denúncia do uso desenfreado de pesticidas, a proliferação da indústria dos agrotóxicos e a consequente contaminação dos ecossistemas ecológicos, bem como da saúde humana.

A afinidade (eco)feminista com uma lógica do ocidente amolda-se a figura da mulher com a natureza e a figura do homem ligada à cultura. Essa última é vista de modo superior à natureza e conjuntamente é um modo de dominação da natureza e do meio ambiente ecológico. E as interpretações (eco)feministas tratam de compreender e versar acerca da libertação da natureza,

<sup>2</sup> BIANCHI, Bruna. Introduzione Ecofemminismo: il pensiero, i dibattiti, le prospettive. **Deportate, Esuli, Profughe**, Veneza, n. 20, v. I-XXVI, p. 01-26, jul. 2012. Disponível em: <[https://www.unive.it/media/allegato/dep/n20-2012/001\\_Introduzione\\_n\\_20\\_c.pdf](https://www.unive.it/media/allegato/dep/n20-2012/001_Introduzione_n_20_c.pdf)>. Acesso em: 12 set. 2017.

<sup>3</sup> SOUZA, Sandra Duarte de. Teoria, teo(a)logia e espiritualidade ecofeminista: uma análise do discurso. **Mandrágora**, São Bernardo do Campo, Ano VI, n. 6, p. 57-64, dez. 2000.

<sup>4</sup> CARSON, Rachel. **Primavera Silenciosa**. Trad. de Cláudia Sant’Anna Martins. São Paulo: Gaia, 2010.

que está sob o poder e a dominação do masculino, como uma condicionante para a liberdade feminina<sup>5</sup>. Neste viés, Alícia H. Puleo propõe o abandono do raciocínio da dominação pelo (eco)feminismo que visa a igualdade e que se oponha a discriminação sofrida pelas mulheres e também por mulheres, dentro dos contextos Estatais e de políticas ambientais integradoras e estendidas às mulheres<sup>6</sup>. Também, de vital importância para uma leitura e compreensão (eco)feminista se encontram os estudos de Maria Mies e de Vandana Shiva, para as quais o (eco)feminismo é um movimento pacifista, ambientalista e essencialmente em oposição ao poder hegemônico patriarcal. O movimento (eco)feminista foi gestado pela segunda onda feminista americana e europeia (década de 1960 a 1970) com agendas e pautas em oposição a implementação das usinas nucleares e o desenvolvimento da energia atômica. De forma conjunta e temporal, as autoras robustecem a ideia (eco)feminista, denunciando uma tênue relação entre submissão *versus* exploração feminina, da natureza ecológica ambiental pelo poder patriarcal<sup>7</sup>.

No contexto da América Latina, a teóloga brasileira Ivone Gebara insere os estudos (eco)feministas no Brasil fomentando o argumento de que o (eco)feminismo vislumbra a integralidade da vida. O sujeito está conectado a tudo o que se propõe a fazer, estudar ou conhecer. Essa articulação é a “subjetividade/objetividade, individualidade/coletividade, transcendência/iminência, ternura/compaixão/solidariedade, plantas/humanidade, animais/humanidade”<sup>8</sup>, ou seja, um ser em totalidade. Para ela, o (eco)feminismo vem a ser a soma da ecologia com o feminismo, que seguem “[...] juntas como uma preocupação dos nossos tempos, que nos desafiam a respeitar as mulheres que são desrespeitadas pelo sistema patriarcal e a respeitar a natureza explorada pelo sistema capitalista também patriarcal.”<sup>9</sup>

Assim, por meio de um estudo hipotético dedutivo, permeado por uma análise com viés feminista, o estudo apresenta como objetivo central analisar como os elementos do (eco)feminismo camponês são inseridos e apresentados no filme *Mad Max: a estrada da fúria*.

<sup>5</sup> SILIPRANDI, Ema. Ecofeminismo: contribuições e limites para a abordagem de políticas ambientais. **Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, jan./mar. 2000, p. 63.

<sup>6</sup> PULEO, Alícia H. **Ecofeminismo: para otro mundo posible**. 2. ed. Valência (Espanha): Ediciones Cátedra Universitat de València / Instituto de la Mujer, 2013, p. 17.

<sup>7</sup> MIES, Maria; SHIVA, Vandana. **Ecofeminismo**. Trad. de Fernando Dias Antunes. Lisboa: Instituto Piaget, 1993, p. 24-25. Ver mais dados sobre o acidente nuclear atômico de Chernobyl em: MIES; SHIVA, 1993, p. 121-128. Em relação ao mundo econômico, “a dominação das mulheres e a exploração da Natureza são dois lados da mesma moeda da utilização de ‘recursos naturais’ sem custos, a serviço da acumulação de capital.” O (eco)feminismo emergente da década de 1960 e também conhecido como *(eco)feminismo primitivo* almejava valores superiores como descentralização, presa a uma não hierarquia, defesa a democracia, apoia a pequena economia rural e novas tecnologias que não agridem o meio ambiente ecológico, além da superação de dominação pertinente as relações entre os gêneros. HOLLAND-CUNZ, Barbara. **Ecofeminismos**. Trad. de Arturo Parada. Madrid: Cátedra S. A., 1996, p. 177.

<sup>8</sup> GEBARA, Ivone. Epistemologia Ecofeminista. **Mandrágora**, São Bernardo do Campo, Ano VI, n. 6, p. 18-27, dez. 2000, p. 21.

<sup>9</sup> LÓPEZ, Maricel Mena. Ecofeminismo, um jeito de abraçar as diferenças e construir um mundo diferente. **Mandrágora**, São Bernardo do Campo, Ano VI, n. 6, p. 79-84, dez. 2000, p. 79.

Para isso, primeiramente será realizada uma exposição sobre o ecofeminismo, para então adentrar ao ecofeminismo camponês e, a partir desse aporte, adentrar para a análise dos elementos da produção cinematográfica que envolvem elementos do (eco)feminismo camponês.

### “Um novo termo para um saber antigo”

O (eco)feminismo vem a ser um movimento embasado num olhar crítico frente ao capitalismo patriarcal, trazendo uma análise crítica e, ao mesmo tempo, apontando possibilidades de tomada de consciência frente ao cuidado com o meio ambiente natural e os seres humanos. Existe, inclusive, uma profunda denúncia “[...] aos estereótipos gerados pelo patriarcado, evidenciando a ligação profunda entre a economia, a crise ecológica e os estilos de vida da humanidade.”<sup>10</sup> Nesse sentido, Alícia H. Puleo desenvolveu estudos de referência sobre (eco)feminismo, apresentando três principais correntes ou tendências: a) o *ecofeminismo clássico*, b) o *ecofeminismo espiritualista do terceiro mundo* e c) o *ecofeminismo construtivista*.

O *ecofeminismo clássico* denuncia a naturalização do papel das mulheres como sendo um instrumento para legitimar o patriarcado<sup>11</sup>. Há o destaque da ética feminina para o cuidado, relacionada à experiência da maternagem das mulheres assemelhado-se com o meio ambiente natural<sup>12</sup>. Essa corrente ecofeminista que tenderia no ideário de que as mulheres seriam depositárias de um princípio feminino natural, por sua pré-condição de se tornarem mães. Supostamente esse seria o elemento que identificaria a mulher com o meio ambiente natural<sup>13</sup>.

A segunda corrente, o *ecofeminismo espiritualista do terceiro mundo*, ou também como são conhecidos: os *ecofeminismos do Sul*, apresenta aspectos espiritualistas femininos em

<sup>10</sup> PULEO, 2013 apud ANGELIN, Rosângela. Mulheres e ecofeminismo: uma abordagem voltada ao desenvolvimento sustentável. **Universidad en Diálogo**, Costa Rica, v. 7, n.1, p. 51-68, jan./jun. 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.una.ac.cr/index.php/dialogo/article/view/9512/11279>>. Acesso em: 27 jun. 2020.

<sup>11</sup> “**Ecofeminismo clássico**: Nesta tendência o feminismo denuncia a naturalização da mulher como um dos mecanismos de legitimação do patriarcado. Segundo o ecofeminismo clássico, a obsessão dos homens pelo poder tem levado o mundo a guerras suicidas, ao envenenamento e à destruição do planeta. Neste contexto, a ética feminina de proteção dos seres vivos se opõe à essência agressiva masculina, e é fundamentada através das características femininas igualitárias e por atitudes maternas que acabam pré-dispondo as mulheres ao pacifismo e à conservação da natureza, enquanto os homens seriam naturalmente predispostos à competição e à destruição.” PULEO, Alícia H. Feminismo y Ecología. **El Ecologista**, España, n. 31, p. 37-39, jun. 2002. [grifo original]. Disponível em: <[https://www.fuhem.es/media/cdv/file/biblioteca/Boletin\\_-ECOS/10/feminismo\\_y\\_ecologia.pdf](https://www.fuhem.es/media/cdv/file/biblioteca/Boletin_-ECOS/10/feminismo_y_ecologia.pdf)>. Acesso em: 02 set. 2017.

<sup>12</sup> PULEO, 2013 apud ANGELIN, 2017.

<sup>13</sup> SILIPRANDI, 2000, p. 64. Para Rosemary Radford Ruether, essa tendência teórica ecofeminista é utilizada como uma das justificativas da dominação e o uso das mulheres, assim como ocorre como meio ambiente natural. Ambos seriam vistos como propriedade masculina: “Na realidade, as mulheres não são mais natureza não humana tanto quanto os homens, ou, em outras palavras, os homens são outras criaturas tanto quanto as mulheres.” RUETHER, Rosemary Radford. Ecofeminismo: mulheres do primeiro e terceiro mundos. **Mandrágora**, São Bernardo do Campo, Ano VI, n. 6, p. 11-17, dez. 2000, p. 13.

relação a natureza, com a influência asiática de Mahatma Ghandi<sup>14</sup>, além da Teologia da Libertação, na América Latina. Uma tendência libertária, visa a necessidade de libertação dos estereótipos de homem e mulher, para que assumam responsabilidades sem o prevailecimento de hierarquia entre os sexos e busca um modo mais igualitário nas relações humanas, em relação ao meio ambiente natural e também nas relações de poder<sup>15</sup>. Ruether pondera que “as mulheres são as que doam a vida, são as que alimentam e em seu ventre que cresce a vida humana. As mulheres também são as que recolhem o alimento, foram elas que inventaram a agricultura.”<sup>16</sup> Também reconhece que os corpos das mulheres estão “em misteriosa sintonia com os ciclos da lua e as marés do mar [...] os seres humanos primitivos fizeram da mulher a primeira imagem do culto, a deusa, a fonte de toda a vida.”<sup>17</sup> Nessa corrente, “o patriarcado é criticado e o mau desenvolvimento, além de reconhecerem as mulheres como portadoras do respeito à vida.”<sup>18</sup>

De Norte ao Sul do planeta, em diferentes contextos de destruição do meio ambiente ecológico, são as mulheres que se identificam com a urgência da vida na Terra se atendo mais a buscar alternativas para solucionar a crise da sobrevivência planetária. Mediante as diversas dificuldades que enfrentam, elas promovem práticas voltadas para a religação do fio tênue que as

---

<sup>14</sup> MaohandasKaramchand Gandhi (1869-1948), ou como ficou conhecido, Mahatma Gandhi, foi um ativista pela não-violência. Formou-se em Direito na Inglaterra e retornou ao seu país de origem. Atuou como um político e líder no movimento de independência da Índia, que era governada pelos ingleses. Lutou principalmente pelos direitos dos hindus e a atuar como um pacifista. ARAÚJO, Ana Paula de. **Gaia**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/mitologia/gaia/>>. Acesso em: 02 set. 2017.

<sup>15</sup> GEBARA, Ivone. **Ecofeminismo: desafios para repensar a teologia**. São Paulo: Edições Terceira Via, 2017, p. 42. “**Ecofeminismo espiritualista do Terceiro Mundo**: Teve origem nos países do sul, tendo a influência dos princípios religiosos de Gandhi, na Ásia, e da Teologia da Libertação, na América Latina. Esta tendência afirma que o desenvolvimento da sociedade gera um processo de violência contra a mulher e o meio ambiente, tendo suas raízes nas concepções patriarcais de dominação e centralização do poder. Caracteriza-se também pela postura crítica contra a dominação, pela luta antissexista, antirracista, antielitista e anti-antrópocêntrica. Além disso, atribui ao princípio da cosmologia a tendência protetora das mulheres para com a natureza.” PULEO, 2002, p. 37-39. [grifo original].

<sup>16</sup> RUETHER, 2000, p. 14.

<sup>17</sup> RUETHER, 2000, p. 14.

<sup>18</sup> BÉLTRAN, Elizabeth Peredo. Ecofeminismo. In: SÓLON, Pablo (Org.). **Alternativas sistêmicas: Bem Viver, decrescimento, comuns, ecofeminismo, direitos da mãe terra e desglobalização**. Trad. de João Peres. São Paulo: Elefante, 2019, p. 121. No Himalaia, o nominado Movimento Chipko é um dos mais simbólicos: surgiu na Índia como uma resposta às políticas agroflorestais que levavam a um desmatamento desenfreado. Houve resistência por parte das mulheres. Elas abraçavam as árvores, de forma pacífica, como já haviam feito suas antepassadas. Foi um Movimento de resistência que renasceu. Há mais de duzentos e cinquenta anos (1730), uma mulher de uma comunidade da cultura religiosa beshnoi, a Amrita Devi, suas filhas e mais de trezentos e cinquenta aldeões, morreram em prol da resistência contra o desmatamento das florestas. Outra conquista pelo Movimento Chipko, em 1987, foi ganhar o Right Livelihood Award por “sua dedicação à conservação, restauração e uso ecologicamente correto dos recursos naturais da Índia.” A premiação é um Nobel Alternativo criado em 1980, que transcendeu o mundo pela mensagem do cuidado, saberes tradicionais e não violência e que serviu de fonte de inspiração para muitas mulheres que se identificavam com o Movimento Ecofeminista e “honrar e apoiar pessoas corajosas na solução de problemas globais” e também “hoje, é um dos prêmios de maior prestígio em sustentabilidade, justiça social e paz.” THE RIGHT LIVELIHOOD FOUNDATION. **About the Right Livelihood Award**. Disponível em: <<https://www.rightlivelihoodaward.org/honour/about-the-right-livelihood-award/>>. Acesso em: 30 maio 2020.

une a terra. Por sua vez, é “na perspectiva das mulheres, a sustentabilidade sem justiça ambiental é impossível e a justiça ambiental é impossível sem justiça entre sexos e gerações.”<sup>19</sup>

Vandana Shiva e Maria Mies, entre 1980 e 1990, desenvolveram postulados mais elaborados acerca do (eco)feminismo, aprofundando a compreensão de como a lógica dual do sistema predominantemente capitalista obedece a visão patriarcal:

A revolução científica da Europa transformou a natureza de Mãe Terra em uma máquina e uma fonte de matérias-primas. Com essa transformação, foram eliminadas todas as limitações éticas e cognitivas que impediam violenta-la e explorá-la. A revolução industrial converteu a economia em um processo de produção de bens para fazer o máximo de lucros.<sup>20</sup>

A tendência ecofeminista espiritualista defende uma necessidade de cosmovisão do mundo, por meio do reconhecimento da vida no meio ambiente tanto frente aos seres vivos, quanto aos seres sem vida. O que se torna apenas realizável através da cooperação e do cuidado mútuo. As mulheres “fazem as coisas crescerem.”<sup>21</sup> Apenas desse modo haverá respeito e preservação a diversidade das formas de vida existentes do planeta, garantindo diferentes expressões culturais e as fontes do bem-estar e da felicidade. As inspirações feministas se utilizam de metáforas como “re-tecer o mundo, curar as feridas, re-ligar, interligar a teia.” Nesse viés, a espiritualidade vem para “curar a Mãe-Terra” e a “re-encantar o mundo.”<sup>22</sup>

Por último, a terceira tendência é denominada de *ecofeminismo construtivista*. Essa análise leva em conta que a relação das mulheres com a natureza segue uma construção social que está intrinsecamente associada a divisão sexual do trabalho, a qual é mantenedora das sociedades patriarcais capitalistas de hoje<sup>23</sup>. Nessa linha construtivista, da qual se filia a indiana Bina Agarwal e a australiana Val Plumwood, para essa leitura (eco)feminista é preciso levar em conta a construção das relações sociais, a interação com a natureza como a ascendência dessa consciência ecológica diferenciada, em especial das mulheres<sup>24</sup>. Deste modo, a corrente construtivista fundamenta a injustiça de gênero por meio da estrutura do trabalho, de distribuição do poder e da propriedade privada. Para a teóloga brasileira Ivone Gebara, mais alinhada à

<sup>19</sup> MIES; SHIVA, 1993, p. 113-114.

<sup>20</sup> MIES; SHIVA, 1993, p. 113-114.

<sup>21</sup> MIES; SHIVA, 1993, p. 15.

<sup>22</sup> MIES; SHIVA, 1993, p. 15 e 30.

<sup>23</sup> HERRERO, Yoyo. Ecofeminismo: una propuesta de transformación para un mundo que agoniza. **Rebelión**, 09 mar. 2007. Disponível em: <<http://www.rebelion.org/noticia.php?id=47899>>. Acesso em: 12 set. 2017. “**Ecofeminismo construtivista**. Esta tendência não se identifica nem com o essencialismo, nem com as fontes religiosas espirituais das correntes anteriores, embora compartilhe ideias como antirracismo, anti-anthropocentrismo e anti-imperialismo. Ela defende que a relação profunda da maioria das mulheres com a natureza não está associada a características próprias do sexo feminino, mas é originária de suas responsabilidades de gênero na economia familiar, criadas através da divisão social do trabalho, da distribuição do poder e da propriedade. Para tanto, defendem que é necessário assumir novas práticas de relação de gênero e com a natureza.” PULEO, 2002, p. 37-39. [grifo original].

<sup>24</sup> BÉLTRÁN, 2019, p. 132.

corrente *espiritualista do Terceiro Mundo*, são essas instituições que definem a posição das mulheres e dos homens na sociedade, privilegiando os últimos e promovendo a eles uma maior abertura para o espaço público, em detrimento das primeiras<sup>25</sup>.

Percebe-se que os (eco)feminismos são construções filosóficas, teóricas e práticas, criticando a racionalidade masculina androcêntrica que propõe uma interpretação dualista da realidade e das relações sociais. Propõem superar a dicotomia hierárquica patriarcal, desconstruí-la e recuperar, por meio da racionalidade e pela “ética dos afetos, os corpos, a interdependência e a relação com o planeta como uma proposta de evolução civilizatória.”<sup>26</sup>

Conjuntamente, os (eco)feminismos e (eco)feministas, trazem uma proposta teórica e política. É também movimento social, ainda melhor, contempla uma diversidade de movimentos, posições e correntes que em algum momento sempre se encontram no diálogo e no debate acerca da ecologia e feminismo. Assim, na segunda pontuação do texto, adentrar-se-á brevemente no espaço campesinato feminino e na teologia (eco)feminista.

### **O campesinato feminino e o (eco)feminismo espiritualista construtivista**

O campesinato feminino foi um dos grandes movimentos que aderiram as teorias ecofeministas. Isso ocorreu devido a essas mulheres estarem cercadas de relações patriarcais, que ainda estão muito presentes no espaço rural. Porém, no decorrer da história, esta demonstrou um cenário combativo erigido por mulheres do campo, por meio de movimento de camponesas. Sua primeira grande conquista foi a saída da invisibilidade camponesa feminina por meio do reconhecimento jurídico como trabalhadoras, através da Constituição Brasileira de 1988. Conforme a previdenciarista Jane Lucia W. Berwanger e o juiz federal Osmar Veronese:

A luta pela cidadania da mulher do campo começa pela luta pelo reconhecimento de seu estatuto profissional, mas esbarra nos valores culturais que definem o gênero feminino. As questões que atravessam o tema da cidadania da mulher no campo a partir de seu reconhecimento como trabalhadora rural são indissociáveis.<sup>27</sup>

Assim, é merecido o destaque destas mulheres da seara camponesa que, atuantes, passaram a articular-se em movimentos sociais, que nos últimos anos tem abrangido fortemente as questões ambientais. É inegável que os movimentos de mulheres camponesas foram o grande impulso da mudança nas estruturas laborais femininas na seara da agricultura. Hoje, são grandes aliadas nas políticas de cunho protecionista ambiental.

<sup>25</sup> GEBARA, 2017, p. 42; 26-27.

<sup>26</sup> BÉLTRÁN, 2019, p. 133.

<sup>27</sup> BERWANGER, Jane Lucia Wilhelm; VERONESE, Osmar. **Constituição: um olhar sobre minorias vinculadas à Seguridade Social**. Porto/Portugal: Juruá, 2018, p. 91.

Esse movimento surge no Brasil em meados de 1980. Tem como vertentes os mais diferentes movimentos sociais do campo/rural, motivadas pela luta e conquista de seus direitos, pelo reconhecimento econômico e identitário. Buscam a valorização como trabalhadoras rurais, pelearam por libertação, sindicatos, acesso à documentação pessoal de identificação, por direitos trabalhistas e previdenciários, além de uma maior participação na política<sup>28</sup>.

A organização das mulheres é dividida em distintos grupos: por regiões e/ou por organizações sindicais, por afinidades políticas. Como exemplo, tem-se o Movimento das Margaridas, o Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais e o Movimento das Mulheres Camponesas (MMC), que muito já fizeram e construíram e ainda constroem como identidades políticas e o reconhecimento público como camponesas. A origem variada dos diferentes movimentos camponeses não as impediu de se organizarem e articularem-se em nível estadual e nacional, o que veio a contribuir e facilitar as diversas lutas e fortaleceu muitas reivindicações que se tornaram pautas e conseqüentemente políticas públicas<sup>29</sup>.

Uma questão presente dentro dos movimentos de camponesas, especialmente do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), é a mística religiosa. A qual é destaque sempre que as mulheres se reúnem e, muitas vezes, ela se inicia pela simples receptividade de um abraço, um sorriso, um aconchego. A mística compreende o culto aos quatro elementos da natureza (terra, ar, água, fogo), propiciando uma profunda reflexão acerca de que os mesmos simbolizam para suas vidas e como elemento de renovação de forças para suas lutas. Na prática, é um momento de espiritualidade para desenvolver uma reflexão. Também é muito comum dentro do MMC, essa espiritualidade ser desenrolada por meio de algum objeto posicionado do meio de um círculo de mulheres participantes. Podendo ser alimento, flores, ervas, velas e/ou um objeto do trabalho cotidiano, como uma enxada ou o chapéu de palha que tanto as identifica, dentre outros, aliados à uma leitura de alguma passagem bíblica. É por meio desta configuração que a leitura bíblica atua como um componente emancipador e motivacional para as lutas, em um processo hermenêutico teológico feminista.

Utilizando relatos dos Movimentos das Mulheres Camponesas (MMC), pode-se afirmar mulheres (e homens) buscam a união para lutar pela justiça no país, para atingir as mudanças

<sup>28</sup> LA VIA CAMPESINA. Movimento Campesino Internacional. **Jornada da via campesina mobiliza 10 estados contra os agrotóxicos**. 08 mar. 2011. Disponível em: <<https://viacampesina.org/es/jornada-da-via-campesina-mobiliza-10-estados-contra-agrotoxicos/>>. Acesso em: 23 set. 2016.

<sup>29</sup> “Com este processo, sentimos a necessidade de articulação com as mulheres organizadas nos demais movimentos mistos do campo. Em 1995, criamos a Articulação Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais, reunindo as mulheres dos seguintes movimentos: Movimentos Autônomos, Comissão Pastoral da Terra – CPT, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, Pastoral da Juventude Rural – PJR, Movimento dos Atingidos pelas Barragens – MAB, alguns Sindicatos de Trabalhadores Rurais e, no último período, o Movimento dos Pequenos Agricultores – MPA.” MMC-BRASIL. Movimento de Mulheres Camponesas. **História**. Disponível em: <<http://www.mmcbrazil.com.br/site/node/44>>. Acesso em: 12 jul. 2017.

sociais necessárias. Este momento de espiritualidade, “deverá nos levar a reconstituir uma cultura humana que acolhe, transforme e cuide da vida e que, pouco a pouco vai se cristalizando na nova mulher lutadora.”<sup>30</sup>

No contexto apresentado, denota-se sempre presente a preocupação do movimento de mulheres camponesas com a natureza em que elas estão inseridas, lugar que habitam e com seus e suas familiares. São ações e preocupações manifestadas que remetem a corrente *ecofeminista espiritualista do terceiro mundo* ou aos *ecofeminismos do Sul*. Corrente ecofeminista onde o elemento místico religioso se faz presente em lutas e demandas com viés de proteção ambiental e, ao mesmo tempo, combate a cultura patriarcal que oprime. Os movimentos das mulheres camponesas podem ser classificados de modo genérico como ecofeministas, pois têm presente o objetivo do bem comum, ampla proteção ao meio ambiente ecológico, convergindo na proteção da *oikos*, ou a *patchamama*, termo utilizado na América Latina<sup>31</sup>. Ao mesmo tempo, elas trazem aliadas à luta, características do *ecofeminismo construtivista*.

Foi por meio das mobilizações dos grupos de mulheres que se entrelaçam com pautas, discussões e lutas em comum, alcançou-se uma amplitude da questão de proteção ambiental, reacendendo no Brasil o pensamento ecológico político, olvidando, conforme Leonardo Boff preconiza, do vital papel da agricultura para a continuidade da vida da humanidade no planeta Terra, pois “não haverá seguridade alimentar sem as mulheres agricultoras, se não lhes for conferido mais poder de decisão sobre os destinos da vida na Terra.”<sup>32</sup> As mulheres sempre conservaram uma relação na história muito intensa com a agricultura e a proteção da biodiversidade. As mulheres foram protagonistas e precursoras da mais importante e profunda revolução ocorrida com a humanidade – o nascer da agricultura – o que aportou as condições favoráveis para a evolução humana na face da Terra<sup>33</sup>.

A agricultura para as mulheres é vista como um espaço de produção e reprodução de vida. Nela são originados os alimentos, entretanto, na atualidade, a produção de alimentos está voltada para o monocultivo com base no alargado uso de agrotóxicos e organismos geneticamente modificados (chamados de transgênicos), responsáveis por possíveis riscos ambientais que são minimizados ou ocultados pelo setor capitalista. A existência de diversidades produtivas ainda possíveis de serem encontradas na agricultura tem sido responsabilidade quase

<sup>30</sup> MMC-BRASIL. Movimento de Mulheres Camponesas. **Mulheres Camponesas: caminhando rumo à superação da violência**. ANMC, 2008.

<sup>31</sup> TOLENTINO, Zelma Tomaz; OLIVEIRA, Liziane Paixão Silva. Pachamama e o direito à vida: uma reflexão na perspectiva do novo constitucionalismo latino-americano. **Veredas do Direito**, Belo Horizonte, v. 12, n. 23, p. 313-335, jan./jun. 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/393-2629-1-PB.pdf>. Acesso em: 02 set. 2019.

<sup>32</sup> BOFF, Leonardo. **Virtudes para um outro mundo possível**. Vol. III: comer e beber juntos e viver em paz. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 28.

<sup>33</sup> BANDINTER, Elisabeth. **Um é o outro**. Relações entre homens e mulheres. Trad. de Carlota Gomes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 59-60.

que em sua totalidade das mulheres. Elas são preocupadas com questões que envolvem a saúde humana. Deste modo, as mulheres camponesas atuam pela segurança alimentar e na diversificação produtiva alimentar. Preocupações claramente manifestas pelo grupo de mulheres camponesas. Destarte, na última subdivisão será realizado o relato acerca do filme *Mad Max: a estrada da fúria* e o seu vínculo subliminar ecofeminista.

### Elementos (eco)feministas em *Mad Max: a estrada da fúria*<sup>34</sup>

*“Estou ansiosa para que vejam.  
 Vejam?  
 O Vale Verde.  
 Mas se vieram do Oeste... o solo...  
 Tivemos que sair.  
 Não tínhamos mais água.  
 Que outras?  
 As várias mães?  
 Somos as únicas que restaram.”*<sup>35</sup>

O (eco)feminismo não é uma teoria muito difundida na sociedade. Quem possui algum conhecimento teórico e prático acerca dela e de suas vertentes são grupos de mulheres, pesquisadores e ativistas, também de modo inconsciente as agricultoras camponesas. Como a proposta anunciada de estudo foi buscar elementos ecofeministas na produção cinematográfica *Mad Max: a estrada da fúria*, lançada em 2015 como sequência da trilogia anterior que demorou mais de dez anos para ser concretizado e vir ao público, num primeiro momento será apresentado um breve relato acerca do filme.

O filme se apresenta em um cenário pós-apocalíptico. Os humanos precisam lutar pela sobrevivência em um terreno arenoso, seco, infértil e hostil, sob a égide do poder de um homem soberano e despótico. Percebe-se, de imediato, uma clara crítica relacionada ao tema ecológico e à destruição dos recursos naturais e má distribuição do pouco que resta, elementos esses que são essenciais à vida no planeta. No filme, o personagem Max é capturado e passa a servir literalmente como uma bolsa de sangue humano ambulante, o que retrata a raridade da espécie humana saudável.

Nesse cenário, a sociedade é regida por um regime totalitarista, onde um homem domina e detém os poucos recursos naturais não renováveis: a água, a comida, o combustível e, nesse âmbito, estão inseridas algumas mulheres. A eugenia social também se apresenta como representação ideológica do ditador Immortan Joe. Ele seleciona mulheres aptas e saudáveis, e

<sup>34</sup> É um filme projetado por Hollywood em 2015, de ação e ficção científica, dirigido por George Miller e escrito por Miller, Brendan McCarthy e Nico Lathouris. É o quarto filme da franquia *Mad Max*. O cenário do filme é um vasto deserto de um futuro pós-apocalíptico em um contexto onde gasolina, plantas e água são bens valiosos. O filme foi vencedor de seis estatuetas do Oscar. *MAD Max: a estrada da fúria*. Direção de George Miller. Austrália/EUA: Warner Bros., 2015. 1 DVD (2h00min.).

<sup>35</sup> Parte de um diálogo do filme *Mad Max: a estrada da fúria*.

que apresentam um padrão de beleza europeu. Ele as escraviza sexualmente. As mulheres que são consideradas inaptas para a continuidade da linhagem são utilizadas como uma “máquina” de produção de leite materno.

Os soldados representados pelos War boys são uma crítica à máquina de guerra. Eles obedecem fielmente às ordens da autoridade do ditador. E é pela morte heroica que obtém a salvação, além do prazer que sentem pelo modo insano da batalha, assim abdicam da existência por uma causa ditatorial. Em sequência, é perceptível o culto ao automobilismo. Uma referência à sociedade de consumo superficialista na qual se está inserido. Outrora eram adorados os deuses pagãos, quando os seres humanos não compreendiam os fenômenos naturais e, agora, dão entrada ao deus do V8<sup>36</sup>: a entidade transmissiva do poder e *status* social por meio de um objeto simples. Um volante, símbolo masculino.

A questão mais impressionante do filme é por ele ser subliminarmente um filme (eco)feminista, por envolver questões de resistência ao patriarcado e denunciar a destruição ambiental. Isso se revela pela protagonista do filme, chamada *Imperatriz Furiosa*, a qual decidiu fugir com as cinco mulheres parideiras<sup>37</sup> que estavam sob o domínio do tirano – que busca o herdeiro saudável – para o Vale Verde, conhecido como o Vale das mães. A narrativa do filme compreende uma fuga, planejada e executada pela Furiosa, ainda que, no decorrer da trama, ela receba a ajuda de Max, que a auxilia em sua epopeia de encontrar a sua comunidade de origem, um lugar ainda verde e com recursos naturais que aportem à vida humana. Furiosa se transforma na salvadora, inclusive do próprio Max.

Já de início é perceptível constatar, frente ao plano de Furiosa de resgatar as escravas sexuais/reprodutoras do ditador, frases como *We are notthings* (Não somos objetos) pintadas na parede das cenas. É o grito da mulher perante a dominação a que é imposta, que persevera em usá-las como objetos sexuais. A maior cena com símbolo claramente feminista é a retirada dos cintos de castidade das escravas sexuais, por meio de um alicate, em uma referência a luta feminista por libertação sexual. Uma das escravas cospe no cinto de castidade e o chuta para longe. Viva a liberdade feminina!<sup>38</sup>

O grupo fugitivo, após se desvencilhar dos seus insistentes perseguidores, encontram algumas mães do vale. Algumas mulheres já são idosas, mas o Vale Verde não existe mais, tudo

<sup>36</sup> O motor V8 é um agrupamento com oito cilindros divididos em duas séries com quatro, dispostas uma de frente para a outra. Os cilindros são dispostos em formato da letra “V”, daí que surge o nome. Ver mais em: O QUE É um motor V8? Disponível em: <<https://figarobarbearia.com.br/o-que-e-um-motor-v8/>>. Acesso em: 16 set 2020.

<sup>37</sup> São mulheres saudáveis em um mundo tóxico.

<sup>38</sup> LOTHLÓRIEN, Lane. **As implicações ideológicas de *Mad Max: Estrada da Fúria***. Disponível em: <<https://revistamoviemet.net/breve-an%C3%A1lise-sobre-as-implica%C3%A7%C3%B5es-ideol%C3%B3gicas-de-mad-max-furious-road-com-spoilers-a6b2c8e4967d>>. Acesso em: 31 maio 2020.

estava seco e arenoso. Nada mais cresce. A única coisa que restou foi uma bolsa com as sementes, a qual é protegida pela anciã do grupo como um tesouro incomensurável.

O grupo com as mulheres parideiras, agora livres, decidem junto com as mulheres do antigo Vale Verde pela tomada da *Citadel*, a cidade que estava sob domínio do ditador, por ser o único lugar que tem água e, portanto, com as condições favoráveis para as sementes que foram preservadas germinarem. Empreitada arriscada e de combate com os perseguidores War boys e do ditador, o qual é morto e, assim, elas regressam a *Citadel* que recebe as mulheres do ditador, as mães do vale e a imperatriz Furiosa.

O viés ideológico (eco)feminista, circunscrito a questão ecológica ambiental e feminista, como denota a escrita acima, está presente no filme *Mad Max: a estrada da fúria*. É o mesmo viés das mulheres camponesas, que buscam e lutam por um meio-ambiente ecológico saudável para suas famílias, em especial, para seus filhos e filhas. Sendo assim, “as atividades de planejamento e gestão que visam à sustentabilidade do sistema de produção e o bem-estar das famílias que vivem no campo só avançam quando integram os conceitos associados de diversidade e gênero.”<sup>39</sup> Ao mesmo tempo, organizadas em movimentos sociais, lutam pelo combate às estruturas patriarcais que permeiam na sociedade.

No contexto da defesa à proteção do meio ambiente ecológico e em oposição ao monocultivo, ocorreu uma ação das mulheres integrantes do movimento camponês do Estado do Rio Grande do Sul contra o plantio descomedido de celulose. A ação foi sucedida no dia 8 de março de 2006, no município de Barra do Ribeiro/RS. Com esse ato, as mulheres vêm denunciando a exploração ambiental e social praticada por empresas mundiais de celulose, além de denunciar a Reforma Agrária estancada pelo governo brasileiro<sup>40</sup>.

As mulheres camponesas ocuparam um horto florestal de uma grande empresa capitalista, opondo-se ao monocultivo florestal, de mudas clonadas de plantas exóticas; destruíram experimentos da negação da biodiversidade, dizendo não à violência social, econômica e ambiental promovida conscientemente pelas empresas de celulose. Elas se manifestaram contra a ganancia e o lucro das empresas.<sup>41</sup>

A repercussão pública pela imprensa foi intensa, chamando a atenção nacional e internacional acerca da denúncia do monocultivo. O discurso e a pauta assumida pelo Movimento de Mulheres Camponesas é a da produção diversificada e sustentável dos alimentos. O grupo de

<sup>39</sup> CORDEIRO, Rosineide de L. M. Empoderamento e mudanças das relações de gênero: as lutas das trabalhadoras rurais no Sertão Central de Pernambuco. In: SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide de L. M. (Orgs.). **Agricultura familiar e gênero: práticas, movimentos e políticas públicas**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006, p. 29-33.

<sup>40</sup> CONTE, Isaura Isabel; MARTINS, Mariane Denise; DARON, Vanderléia Pulga. Movimento de mulheres camponesas: na luta a constituição de uma identidade feminista, popular e camponesa. In: PALUDO, Conceição (Org.). **Mulheres resistência e luta em defesa da vida**. São Leopoldo: CEBI, 2009, p. 153.

<sup>41</sup> CONTE; MARTINS; DARON; 2009, p. 158.

mulheres luta por táticas que gerem a autonomia das mulheres e firmem sua agenda voltada para a segurança e a soberania alimentar. O que está entrelaçado com as ações e o acesso aos recursos naturais: a água, produção agroecológica e solicitando “diferentes programas, tais como acesso à terra; Programa Bolsa Verde; Programa 1 milhão de cisternas, entre outros.”<sup>42</sup>

Uma das preocupações ambientais tem sido com a viabilidade de produzir alimentos saudáveis. Neste cultivo do alimento há um intenso cuidado, “pois o alimento é considerado algo sagrado e fundamental para manter a saúde das pessoas e será oferecido para as pessoas do convívio, que se respeita e se ama.”<sup>43</sup> Assim, para as mulheres camponesas e (eco)feministas inseridas na agroecologia, a produção de alimentos sem o uso de fertilizantes industriais e agrotóxicos é prioritária<sup>44</sup>. Existem pesquisas que também indicam a presença de agrotóxicos inclusive no leite materno, em especial, em regiões onde há altos índices de aplicação e de uso<sup>45</sup>. Portanto, é vital reconhecer o papel das mulheres camponesas ecofeministas como parcela do trabalho produtivo e de produção de alimentos para o autoconsumo, além dos progressos que elas alcançaram em relação ao manejo adequado dos recursos naturais ainda disponíveis<sup>46</sup>.

## Conclusões

Na seara dos (eco)feminismos, brevemente estudados nesse artigo, é importante destacar que, para muito além de suas distinções, convergem sobre o fato de que a opressão das mulheres e a mega exploração da natureza são partes integradoras do mesmo fenômeno: o patriarcado, o qual tem sido acirrado pelo modo de produção capitalista que não considera o meio ambiente natural e volta-se para a exploração desse e das pessoas mais vulneráveis, em especial, as mulheres. Os (eco)feminismos denunciam a existência da ordem cultural-simbólica, entrelaçada pela cultura patriarcal, econômica e capitalista, que despreza, violenta e também se apropria do trabalho com a tarefa do cuidado em relação a vida humana, super explorando os

<sup>42</sup> HORA, Karla; MOLINA, Caroline. Mulheres rurais e as políticas públicas de apoio à produção agroecológica e de base sustentável. In: BRAVO, Álvaro Sánchez; ANGELIN, Rosângela (Orgs.). **Mujeres y medioambiente feminismo y ecología**. España: Punto Rojo Libros, 2014, p. 118.

<sup>43</sup> AMARAL, Ademir Ribeiro do; CAMARGO, André Rocha de. Agroecologia e agricultura familiar. In: ANGELIN, Rosângela (Org.). **Por onde caminham as mulheres agricultoras: vivências e desafios de grupos produtivos**. Santo Ângelo: FuRI, 2015, p. 28.

<sup>44</sup> O RECADO DA TERRA. **O veneno está na mesa**. Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (CAPA), Ano XVI, n. 36, jan. 2012, p. 03. Disponível em: <[http://www.capa.org.br/uploads/pdf/Recado%20da%-20Terra\\_janeiro\\_2012.pdf](http://www.capa.org.br/uploads/pdf/Recado%20da%-20Terra_janeiro_2012.pdf)>. Acesso em: 26 ago. 2018.

<sup>45</sup> “Uma pesquisa denunciou a contaminação do leite materno por agrotóxicos usados em plantações no município de Lucas do Rio Verde, a 350 km de Cuiabá (MT). As amostras foram colhidas de 62 mulheres atendidas pelo Programa de saúde da Família do município. Em 100% das amostras foi encontrado um tipo de agrotóxico e, em 85% dos casos, foram encontrados entre dois e seis tipos de agrotóxicos. A substância com maior incidência é conhecida como DDE, um derivado de outro agrotóxico, DDT, proibido pelo Governo Federal em 1998 por provocar infertilidade no homem e abortos espontâneos nas mulheres” O RECADO DA TERRA, 2012, p. 03.

<sup>46</sup> HORA; MOLINA, 2014, p. 118.



corpos femininos e levando a exploração da natureza aos seus limites, ameaçando o bem-estar e a sustentabilidade de toda a vida no planeta.

Diante da proposta do estudo em analisar como os elementos do (eco)feminismo camponês são inseridos e apresentados em *Mad Max: a estrada da fúria*, foi possível perceber na produção cinematográfica um viés claramente ecofeminista no que tange à vários elementos, como a exploração das mulheres e a detenção de bens naturais por um poder hegemônico. Nesse contexto, percebe-se elementos de resistência, como a protagonista que anuncia um possível mundo melhor para as mulheres, sem exploração e menosprezo.

Por sua vez, o filme, ao anunciar esse mundo novo, apresenta a dificuldade e o poderio que é preciso enfrentar para chegar ao local desejado, numa luta alucinante e constante, onde algumas mulheres se perdem pelo caminho, assim como ocorreu com os movimentos feministas. Ao conquistarem o espaço desejado, as mulheres se apropriam da terra, distribuem a água e tornam o local árido em um lugar produtivo, graças às sementes que são guardadas, numa analogia às mulheres de várias partes do mundo, ou seja, camponesas que são verdadeiras guardiãs das sementes, buscando garantir a soberania alimentar.

## Referências

AMARAL, Ademir Ribeiro do; CAMARGO, André Rocha de. Agroecologia e agricultura familiar. In: ANGELIN, Rosângela (Org.). **Por onde caminham as mulheres agricultoras: vivências e desafios de grupos produtivos**. Santo Ângelo: FuRI, 2015.

ANGELIN, Rosângela. Mulheres e ecofeminismo: uma abordagem voltada ao desenvolvimento sustentável. **Universidad en Diálogo**, Costa Rica, v. 7, n.1, p. 51-68, jan./jun. 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.una.ac.cr/index.php/dialogo/article/view/9512/11279>>. Acesso em: 27 jun. 2020.

ARAÚJO, Ana Paula de. **Gaia**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/mitologia/gaia/>>. Acesso em: 02 set. 2017.

BANDINTER, Elisabeth. **Um é o outro**. Relações entre homens e mulheres. Trad. de Carlota Gomes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

BÉLTRAN, Elizabeth Peredo. Ecofeminismo. In: SÓLON, Pablo (Org.). **Alternativas sistêmicas: Bem Viver, decrescimento, comuns, ecofeminismo, direitos da mãe terra e desglobalização**. Trad. de João Peres. São Paulo: Elefante, 2019.

BERWANGER, Jane Lucia Wilhelm; VERONESE, Osmar. **Constituição: um olhar sobre minorias vinculadas à Seguridade Social**. Porto/Portugal: Juruá, 2018.

BIANCHI, Bruna. Introduzione Ecofemminismo: il pensiero, i dibattiti, le prospettive. **Deportate, Esuli, Profughe**, Veneza, n. 20, v. I-XXVI, p. 01-26, jul. 2012. Disponível em: <[https://www.unive.it/media/allegato/dep/n20-2012/001\\_Introduzione\\_n\\_20\\_c.pdf](https://www.unive.it/media/allegato/dep/n20-2012/001_Introduzione_n_20_c.pdf)>. Acesso em: 12 set. 2017.



BOFF, Leonardo. **Virtudes para um outro mundo possível**. Vol. III: comer e beber juntos e viver em paz. Petrópolis: Vozes, 2006.

CARSON, Rachel. **Primavera Silenciosa**. Trad. de Cláudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Gaia, 2010.

CONTE, Isaura Isabel; MARTINS, Mariane Denise; DARON, Vanderléia Pulga. Movimento de mulheres camponesas: na luta a constituição de uma identidade feminista, popular e camponesa. In: PALUDO, Conceição (Org.). **Mulheres resistência e luta em defesa da vida**. São Leopoldo: CEBI, 2009.

CORDEIRO, Rosineide de L. M. Empoderamento e mudanças das relações de gênero: as lutas das trabalhadoras rurais no Sertão Central de Pernambuco. In: SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide de L. M. (Orgs.). **Agricultura familiar e gênero: práticas, movimentos e políticas públicas**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006.

GEBARA, Ivone. Epistemologia Ecofeminista. **Mandrágora**, São Bernardo do Campo, Ano VI, n. 6, p. 18-27, dez. 2000.

GEBARA, Ivone. **Ecofeminismo: desafios para repensar a teologia**. São Paulo: Edições Terceira Via, 2017.

HERRERO, Yoyo. Ecofeminismo: una propuesta de transformación para un mundo que agoniza. **Rebelión**, 09 mar. 2007. Disponível em: <<http://www.rebelion.org/noticia.php?id=47899>>. Acesso em: 12 set. 2017.

HOLLAND-CUNZ, Barbara. **Ecofeminismos**. Trad. de Arturo Parada. Madrid: Cátedra S. A., 1996.

HORA, Karla; MOLINA, Caroline. Mulheres rurais e as políticas públicas de apoio à produção agroecológica e de base sustentável. In: BRAVO, Álvaro Sánchez; ANGELIN, Rosângela (Orgs.). **Mujeres y medioambiente feminismo y ecología**. España: Punto Rojo Libros, 2014.

LA VIA CAMPESINA. Movimento Campesino Internacional. **Jornada da via campesina mobiliza 10 estados contra os agrotóxicos**. 08 mar. 2011. Disponível em: <<https://viacampesina.org/es/jornada-da-via-campesina-mobiliza-10-estados-contra-agrotoxicos/>>. Acesso em: 23 set. 2016.

LÓPEZ, Maricel Mena. Ecofeminismo, um jeito de abraçar as diferenças e construir um mundo diferente. **Mandrágora**, São Bernardo do Campo, Ano VI, n. 6, p. 79-84, dez. 2000.

LOTHLÓRIEN, Lane. **As implicações ideológicas de Mad Max: Estrada da Fúria**. Disponível em: <<https://revistamoviemment.net/breve-an%C3%A1lise-sobre-as-implica%C3%A7%C3%B5es-ideol%C3%B3gicas-de-mad-max-furious-road-com-spoilers-a6b2c8e4967d>>. Acesso em: 31 maio 2020.

MAD Max: a estrada da fúria. Direção de George Miller. Austrália/EUA: Warner Bros., 2015. 1 DVD (2h00min.).

MIES, Maria; SHIVA, Vandana. **Ecofeminismo**. Trad. de Fernando Dias Antunes. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

MMC-BRASIL. Movimento de Mulheres Camponesas. **Mulheres Camponesas**: caminhando rumo à superação da violência. ANMC, 2008.

MMC-BRASIL. Movimento de Mulheres Camponesas. **História**. Disponível em: <<http://www.mmcbrazil.com.br/site/node/44>>. Acesso em: 12 jul. 2017.

O QUE É um motor V8? Disponível em: <<https://figarobarbearia.com.br/o-que-e-um-motor-v8/>>. Acesso em: 16 set 2020.

O RECADO DA TERRA. **O veneno está na mesa**. Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (CAPA), Ano XVI, n. 36, jan. 2012. Disponível em: <[http://www.capa.org.br/uploads/pdf/Recado%20da%-20Terra\\_janeiro\\_2012.pdf](http://www.capa.org.br/uploads/pdf/Recado%20da%-20Terra_janeiro_2012.pdf)>. Acesso em: 26 ago. 2018.

PULEO, Alicia H. Feminismo y Ecología. **El Ecologista**, España, n. 31, p. 37-39, jun. 2002. Disponível em: <[https://www.fuhem.es/media/cdv/file/biblioteca/Boletin\\_ECOS/10/feminismo\\_y\\_ecologia.pdf](https://www.fuhem.es/media/cdv/file/biblioteca/Boletin_ECOS/10/feminismo_y_ecologia.pdf)>. Acesso em: 02 set. 2017.

PULEO, Alicia H. **Ecofeminismo**: para otro mundo posible. 2. ed. Valencia (España): Ediciones Cátedra Universidad de Valencia / Instituto de la Mujer, 2013.

RUETHER, Rosemary Radford. Ecofeminismo: mulheres do primeiro e terceiro mundos. **Mandrágora**, São Bernardo do Campo, Ano VI, n. 6, p. 11-17, dez. 2000.

SILIPRANDI, Ema. Ecofeminismo: contribuições e limites para a abordagem de políticas ambientais. **Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, jan./mar. 2000.

SOUZA, Sandra Duarte de. Teoria, teo(a)logia e espiritualidade ecofeminista: uma análise do discurso. **Mandrágora**, São Bernardo do Campo, Ano VI, n. 6, p. 57-64, dez. 2000.

THE RIGHT LIVELIHOOD FOUNDATION. **About the Right Livelihood Award**. Disponível em: <<https://www.rightlivelihoodaward.org/honour/about-the-right-livelihood-award/>>. Acesso em: 30 maio 2020.

TOLENTINO, Zelma Tomaz; OLIVEIRA, Liziane Paixão Silva. Pachamama e o direito à vida: uma reflexão na perspectiva do novo constitucionalismo latino-americano. **Veredas do Direito**, Belo Horizonte, v. 12, n. 23, p. 313-335, jan./jun. 2015. Disponível em: <<file:///C:/Users/User/Downloads/393-2629-1-PB.pdf>>. Acesso em: 02 set. 2019.

[Recebido em: junho de 2020 /  
Aceito em: julho de 2020]